

A Influência de Schelling

Paulo Ronaldo Braga Leal*

RESUMO

O objetivo do artigo é detectar como determinados elementos formativos da ontologia de Paul Tillich são dependentes de F. W. J. Schelling. Em dois momentos, analisar-se-á esta influência: primeiro, serão focalizadas as pesquisas acadêmicas de Paul Tillich sobre Schelling; logo a seguir, destacar-se-á breve esboço de alguns elementos provenientes desta influência. Uma questão chave destacar-se-á: Como Schelling influenciou a ontologia de Tillich de forma decisiva? A hipótese a ser considerada indicará que é a fase final da filosofia de Schelling, a qual reúne elementos idealistas e realistas que mais influenciou a construtividade ontológica de Tillich, caracterizando seu pensamento teológico como representante de um princípio de identidade entre ser e conhecer, utilizando-se de categorias do idealismo e realismo sem a perda ou dissolução de seus critérios e diferenciações qualitativas.

Palavras-chave: Schelling, filosofia positiva, ontologia, ser, teologia, existência, essência.

THE INFLUENCE OF SCHELLING

ABSTRACT

The purpose of the article detects how certain formative elements of Paul Tillich's ontology are dependent on F. W. J. Schelling. On two occasions, it will be analyzed: first, the focus on the academic research of Paul Tillich on Schelling; right after, it will stand out-brief outline of some elements from this influence. A key question will stand out: How Schelling influenced decisively Tillich's ontology? The hypothesis to

* Bacharel em teologia, bacharel e licenciado em filosofia, Mestre em Ciências da Religião (UMESP – Universidade Metodista de São Paulo), membro do grupo de pesquisa Paul Tillich (CNPq), professor de teologia e filosofia.

be considered indicates that it is the final stage of the philosophy of Schelling, which brings together idealistic and realistic elements that most influenced the ontological constructiveness of Tillich, featuring his theological thought as representing a principle of identity between being and knowing, using the categories of idealism and realism without losing or dissolution of its qualitative criteria and differentiation.

Keywords: Schelling, positive philosophy, ontology, being, theology, existence, essence.

Introdução

As influências sobre o pensamento do teólogo e filósofo Paul Johannes Oskar Tillich são várias, em todo o tempo determinadas por um princípio dialético dialogal e construtivo dentro de um determinado sistema teológico onde duas linhas de pensamento centrais prevalecem e são tratadas a partir de uma tentativa de uni-las consistentemente: *a linha essencialista e a linha existencialista*.¹ A relação entre estas duas linhas é absolutamente necessária para entender sua obra maior, a *Teologia Sistemática*², pois estabelecendo-se um contraste e contato entre ambas, isto é, entre *essência* e *existência*, as essências do *ser* e a *finitude* humana são dimensionadas teologicamente.³ O próprio Tillich considerou, quase ao final de sua carreira docente, essa construtividade sistematizadora por meio das várias influências filosóficas sofridas por ele, as quais lhe serviram de *background* em seu sistema teológico, permitindo-lhe o uso de conceitos filosóficos absolutamente necessários, que nunca poderiam ser deixados de fora da constituição de seu pensamento teológico.⁴ Contudo, a tarefa de entender mais especificamente a tentativa de Tillich em unir as linhas *essencialista e existencialista* em seu sistema teológico deve ser considerada em sua estreita relação com o pensamento de Friedrich Joseph Wilhelm Schelling (1775 – 1854). As duas pesquisas apresentadas por Tillich sobre Schelling, sua tese de doutoramento *Die religionsgeschichtliche Konstruktion in Schellings*

¹ Philosophical Background of my Theology. In: TILLICH, P. Main Works - Hauptwerke. Philosophical Writings – Philosophische Schriften. (Edited by Herausgegeben von Gunter Wenz) Volume 01. Berlin – New York. De Gruyter, 1989, p. 411 – 416.

² A qual fora editada em três volumes, respectivamente nos anos de 1951, 1957 e 1963.

³ Philosophical Background of my Theology. In: TILLICH, P. Main Works - Hauptwerke. Philosophical Writings – Philosophische Schriften. Opus cit., p. 416.

⁴ “But I hope I Will show that...the philosophical concepts are absolutely necessary and never can be missed [left out]”. Cf. Ibidem, p. 416.

positiver Philosophie, ihre Voraussetzungen und Prinzipien (1911)⁵ e sua tese de teologia *Mystik und Schuldbewusstsein in Schellings philosophischer Entwicklung* (1912)⁶, não exauririam seu interesse acadêmico pelo filósofo, antes determinariam seu ponto de vista filosófico-teológico.⁷ Entender a influência de Schelling sobre Tillich exigiria detalhes precisos, porém vastos em sua amplitude. Faz-se necessário estabelecer uma linha mestra que possa relacionar, pelo menos, alguns aspectos como amostras importantes desta influência. A linha mestra utilizada aqui é a assertiva de que Tillich, em sua postura teológica enfatiza tanto um princípio multiforme quanto unificador do conhecimento e da realidade, prevalecendo em sua teologia uma relação entre idealismo e realismo sem a perda ou dissolução de suas categorias, critérios e diferenciações qualitativas.⁸ É neste sentido que Schelling se tornou o mais importante ponto de referência para Tillich. Não apenas por revisar a filosofia em seus conceitos, critérios e desenvolvimento histórico, mas, sobretudo, por contribuir para que uma visão sistemática das várias dimensões da realidade (filosófica, científica, estética, ética, religiosa) fosse mantida em suas várias tensões e aspectos críticos. Schelling é o único pensador do período moderno que esboça, em todo o desenvolvimento de sua filosofia, uma postura onde vários elementos diferenciados são conjugados sem perda de autonomia, identidade e inter-relações necessárias. Um exemplo notório dá-se na maneira como o último período de Schelling destaca-se por indicar elementos existencialistas num pano de fundo essencialista. Schelling preservou sua filosofia da essência, mas acrescentou-lhe a filosofia da existência.⁹ Sua contribuição ao pensamento sistemático posterior nos campos da teologia e filosofia foi muito enriquecido após seu debate com Hegel em 1827. Debate este que providenciou um paradigma para formas sistemáticas de pensamento, que indicariam o lugar no qual a quebra com

⁵ “A Construção da História da Religião na Filosofia Positiva de Schelling, seus Pressupostos e Princípios”.

⁶ “Mística e Consciência de Culpa no Desenvolvimento Filosófico de Schelling”.

⁷ PAUCK, Wilhelm, PAUCK, Marion. Paul Tillich: his life & Thought. New York, Harberson, San Francisco, London. Vol. 1, p. 16.

⁸ Embora, como pretende-se mostrar aqui, Tillich capte esta influência e a reformule de uma maneira inteiramente própria.

⁹ TILLICH, Paul. Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX. Tradução Jaci Maraschin. 3ª Ed. São Paulo: ASTE, 2004, p. 157.

um tipo de idealismo deveria ser feita em relação à realidade de uma *finitude finalizada* (vollendete Vollendlichkeit) da existência humana, a que Schelling chamou de *ser potenzlos*.¹⁰ Até antes do período moderno, Tillich dialogou com a tradição filosófica sempre considerando nelas posturas unilaterais (essencialistas ou existencialistas) em seus conceitos. De igual maneira, além de Schelling, nem mesmo Descartes, Spinoza, Fichte, Hegel ou Kant¹¹ conciliavam estes elementos, embora contribuíssem sistematicamente para aspectos complementares de ambas as dimensões. Os destaques a seguir indicarão: a) primeiro, como esta linha de influência reflete-se sobre Tillich a partir de sua análise sobre Schelling em duas teses acadêmicas; b) um esboço inicial de alguns elementos fundamentais do pensamento de Tillich, oriundos desta influência, porém, reformulados inicialmente por ele.

As duas teses acadêmicas

O primeiro destaque da influência de Schelling sobre Tillich deve partir da reflexão de Tillich em suas teses acadêmicas e seus respectivos temas. A tese de doutoramento entregue à Universidade de Breslau em 1911, *Die religionsgeschichtliche Konstruktion in Schellings positiver Philosophie, ihre Voraussetzungen und Prinzipien*, tenta compreender como as religiões poderiam ser inseridas numa linha de desenvolvimento histórico, chegando ao ápice desta evolução a religião cristã. Tillich, na introdução à tese, afirma sua tarefa de análise: “apresentar a construção da história da religião como ponto principal da filosofia positiva de Schelling.”¹² Em decorrência de seu contexto educacional, Tillich

¹⁰ Review: Tillich on Schelling and the Principle of Identity. Author(s): Robert P. Scharlemann. Source: The Journal of Religion, Vol. 56, No. 1 (Jan., 1976), pp. 105-112 (p105, 106). Published by: The University of Chicago PressStable URL: <http://www.jstor.org/stable/1201510>Accessed: 04/10/2010 08:46.

¹¹ Tillich os via como pensadores cujo aparato e sistema deixavam dimensões da realidade à parte. Hegel retirava a singularidade individual histórica da realidade, ao considerar o *Geist* como princípio determinista e impessoal. Kant através de suas *Críticas* estabeleceu à razão limites, prevendo assim a reação do Romantismo quanto às demais esferas da realidade deixadas de fora desses limites. Não obstante, para Tillich, Aristóteles e Kant dão-nos as ferramentas filosóficas indispensáveis para que um sistema de pensamento não se torne vago e incoerente. Cf. *Philosophical Background of my Theology*. In: TILLICH, P. Main Works - Hauptwerke. Philosophical Writings – Philosophische Schriften, Opus cit., p. 415 – 416.

¹² THOMAS, J. Heywood. *J. Fichte and F. W. Schelling*. In: SMART, Ninian, CLAYTON, John P., SHERRY, Patrick, SHERRY, Steven T. Ninetennth-Century Religious Thought in the West. New York: University of Cambridge, 1988. Vol. 1, p. 76.

recebera fortes influências do idealismo alemão, ficando profundamente impressionado pelo último período de Schelling, período interpretado pelo próprio Schelling como *filosofia positiva*. A distinção entre *filosofia negativa* e *filosofia positiva* é básica na maneira como Schelling chegou a entender o desdobramento de seus mais importantes conceitos e paradigmas nas diferentes fases de sua obra, através de uma relação sistemática entre a possibilidade lógica das coisas (filosofia negativa), e, a existência real das mesmas (filosofia positiva).¹³ A filosofia negativa seria um tipo de especulação construído apenas sobre a razão e sobre a essência das coisas, sua possibilidade lógica. Oferece, por assim dizer, a possibilidade lógica dos conceitos. A filosofia positiva funda-se além da razão especulativa, funda-se também sobre a religião, sobre a revelação e no que tange à existência real das coisas.¹⁴ Entre estas fases não há necessariamente qualquer discordância, mas uma integração substancial entre razão, religião e revelação. Neste sentido, os termos “negativo” e “positivo” não seriam excludentes, mas complementares. O ápice deste desenvolvimento fundamenta-se na ideia da revelação cristã, embora Schelling tenha estendido este conceito a todas as religiões históricas e politeístas. Nelas também manifestou-se *uma revelação progressiva* de Deus. É nesta última fase de Schelling que a interpretação de *Deus* segue uma linha (da filosofia negativa para a positiva) que parte de *uma identidade absoluta* até a consciência de um Deus vivo e pessoal. Tillich baseou-se na doutrina do ser e potências para interpretar esta última fase de Schelling. Para Tillich, Schelling tornara-se um irracionalista em seu último período, no sentido em que ele considerou tudo aquilo que é como tendo uma relação com a ideia; a primazia, porém, nesta relação deveria ser dada ao *ser*.¹⁵ O desenvolvimento sistemático do último Schelling influencia Tillich de muitas maneiras. Porém, a estrutura permanente advinda da relação entre as *essências do ser* e os

¹³ A *filosofia negativa* subdivide-se nas seguintes etapas: filosofia da subjetividade, filosofia da natureza e filosofia da identidade; A *filosofia positiva*, por sua vez, em: filosofia da liberdade e filosofia tardia. VIEIRA, Leonardo Alves. Schelling. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2007, p. 14,15.

¹⁴ REALE, G., ANTISERI, D. História da Filosofia: do romantismo ao empiriocentrismo. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005. Coleção História da Filosofia, vol. 5, p. 88.

¹⁵ THOMAS, J. Heywood. *J. Fichte and F. W. Schelling*. In: SMART, Ninian, CLAYTON, John P., SHERRY, Patrick, SHERRY, Steven T. Ninetennth-Century Religious Thought in the West. Opus cit., vol. 1, p. 76.

elementos característicos da *existência* finita e ambígua é apropriada por Tillich como referência constante em sua obra teológica, ainda que não da mesma maneira que Schelling originalmente o fez. Acerca desta singular apropriação da filosofia especulativa de Schelling, Victor Nuovo comentou:

O objetivo do pensamento especulativo é explicar a origem de muitas coisas a partir de um *ser* absoluto. Este não foi o propósito de Tillich, tampouco em sua dissertação ou em suas obras posteriores. Sua orientação filosófica era consistentemente crítica mais do que especulativa. Seu conceito de filosofia crítica era amplo o bastante para incluir a ontologia, mas a ontologia de Tillich **não é uma metafísica especulativa**.¹⁶

O mesmo pode-se dizer da permanente influência do conceito de *potências* de Schelling, o qual permanece na estrutura do pensamento de Tillich, porém, mais como método do que em seu caráter sumamente metafísico.¹⁷ Para compreender a relação de Tillich com as *potências* de Schelling, torna-se necessário um breve esboço, ainda que extremamente limitado, sobre o assunto. A filosofia inicial de Schelling, a filosofia da *subjetividade*, tinha como base o *Eu* incondicionado. Tendo constantemente diante de si Fichte e Kant como interlocutores, Schelling toma para si a necessidade de conciliar as dimensões teórica e prática da razão. Para tanto, Schelling necessitaria determinar as premissas que fundamentariam tanto o transcendentalismo quanto o plano fenomênico, já problematizados anteriormente por Kant. Essa instância ou premissa fundamental, inicialmente adviria da influência de Fichte: o *Incondicionado*.¹⁸ Seu propósito consistia em construir “a síntese entre sujeito e substância no conceito de um sujeito absoluto e incondicionado.”¹⁹ Este período inicial, marcadamente, tentava estabelecer uma conexão, uma síntese entre os postulados kantianos e premissas fundamentais que os justificassem, relacionados à estrutura do *Eu* incondicionado, de tal maneira que esta síntese refletia-se em uma divisa grega utilizada por

¹⁶ Introdução de Victor Nuovo à tradução para o inglês da tese: *The Construction of the History of Religion in Schelling's Positive Philosophy*. Lewisburg: Bucknell University, 1974, p.18.

¹⁷ *The Construction of the History of Religion in Schelling's Positive Philosophy*. Lewisburg: Bucknell University, 1974. Ibidem, p. 23.

¹⁸ VIEIRA, Leonardo Alves. Schelling. Opus cit., p. 18.

¹⁹ VIEIRA, Leonardo Alves. Schelling. Ibidem, p. 16.

Schelling: *hen kai pan* (o uno e o todo).²⁰ Este início filosófico, contudo, mostrou-se incapaz de lidar com os postulados kantianos, cedendo lugar, por sua vez, à filosofia da *natureza*. A filosofia da subjetividade é praticamente reconstruída através da filosofia da natureza. Schelling revê sua posição, aliada inicialmente ao conceito do *Eu absoluto* de Fichte, mas já afastando-se dele a partir de 1798 através do texto *Ideen zu einer Philosophie der Natur*.²¹ O texto manifesta a ideia do *absoluto* como saber absoluto, isto é, como unidade (não-diferença) do absoluto ideal e do absoluto real.²² O texto das *Ideen zu einer Philosophie der Natur* é importante referência neste afastamento do pensamento de Fichte, contudo, foi apenas através de seu *System des transzendentalen Idealismus*,²³ de 1801 que a retratação do *Eu* como unidade do saber fora feita condicionando-a a partir de uma releitura ou reinterpretação deste conceito dentro do tema da filosofia da natureza.²⁴ Inicialmente, influenciado pelo conceito do *Eu* absoluto, de sua subjetividade pura e oposta a qualquer objeto, Schelling demonstra que este pode, todavia, colocar a si mesmo como objeto, determinado e finito, sem que venha limitar-se à pura objetividade e finitude. Em cada e em toda finitização de si mesmo, o *eu* emerge, sempre e necessariamente transpondo suas formas para uma nova *potência*.²⁵ Segundo Leonardo Vieira, este novo estágio de seu desdobramento é imanente, o qual faz surgir de seu estado de latência todas as suas formas, suas potencialidades.²⁶ “O eu é somente o que ele é devido ao fato de que retorna a si após a travessia pela esfera objetiva”.²⁷ A natureza é vista agora não em seus aspectos mecanicistas, exteriores e acidentais ao espírito, mas, como manifestação do próprio eu, em suas características mais comuns. Fica evidente, a partir de seu *System* que Schelling evidencia sua aproximação de Spinoza. Desta forma, “o absoluto como fundamento da natureza e

²⁰ VIEIRA, Leonardo Alves. Schelling. Ibidem, p. 16.

²¹ Idéias Para Uma Filosofia da Natureza.

²² PANNENBERG, Wolfhart. *Filosofia e Teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. Tradução Nélcio Schneider. São Paulo: Paulinas, 2008, p. 212.

²³ Sistema do Idealismo Transcendental.

²⁴ PANNENBERG, Wolfhart. *Filosofia e Teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. Opus cit., p. 212.

²⁵ VIEIRA, Leonardo Alves. Schelling. Opus cit., p. 25.

²⁶ VIEIRA, Leonardo Alves. Schelling. Ibidem, p. 25.

²⁷ VIEIRA, Leonardo Alves. Schelling. Ibidem, p. 25.

da consciência não foi mais designado como eu, mas como ‘razão’”.²⁸ O spinozismo de Schelling, afirmou W. Pannenberg, poderia ser chamado de um spinozismo da *razão*.²⁹ O resultado disso, foi resumido por Schelling nos seguintes termos: “Fora da razão nada existe e nela tudo existe”.³⁰ A natureza, para Schelling, tornara-se uma esfera que possuiria *potências* atualizadoras, inteligibilidade; nela o espírito – *eu* – encontra-se em sua forma imanente.³¹ Há, portanto, um dinamismo na natureza, produzido pela oposição dialética entre *sujeito e objeto, consciente e inconsciente, ideal e real, “natura naturans” e “natura naturata”*. Em tal processo o universo seria a identidade absoluta, mas nele a razão absoluta, imanente no homem, reconhece a si própria, embora no dinamismo de todo o processo, a razão mesmo que se manifeste individualmente, supera a própria representação individual.³² O dinamismo no interior deste processo dá-se através de três potências: matéria, luz e organismo.³³ Não é possível, nos termos precisos deste assunto, reconstruir o processo gerador das potências schellingianas. A ênfase aqui dar-se-á a apenas de forma concisa, em termos dos destaques ilustrativos acerca da relação pretendida de Tillich com estes conceitos. Estas potências engendram-se a si próprias. Na primeira potência (*matéria*) Schelling demonstra as bases da matéria percebida pelos sentidos. Por trás da matéria enquanto objeto das percepções, estão as condições da matéria. Esta seria uma síntese, composição de forças antagônicas. A partir dela é que se pode perceber a matéria como “espaço preenchido”.³⁴ A segunda potência referente à *luz* aponta para a manifestação daquilo que percorre o espaço idealmente, imaterialmente.³⁵ A terceira potência, a qual integra tanto a primeira quanto a segunda

²⁸ PANNENBERG, Wolhart. *Filosofia e Teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. Opus cit., p. 213.

²⁹ PANNENBERG, Wolhart. *Filosofia e Teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. Ibidem, p. 213.

³⁰ *System des transzendentalen Idealismus*, p. 11 (§ 2). Apud: PANNENBERG, Wolhart. *Filosofia e Teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. Opus cit., p. 213.

³¹ GONÇALVES, Márcia C. F.. *Schelling, filósofo da natureza ou cientista da imanência?* In: PUENTE, Fernando Rey; VIEIRA, Leonardo Alves (Orgs.). *As Filosofias de Schelling*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005, p. 71.

³² PANNENBERG, Wolhart. *Filosofia e Teologia: tensões e convergências de uma busca comum*. Opus cit., p. 213.

³³ VIEIRA, Leonardo Alves. Schelling. Opus cit., p. 30.

³⁴ Indicando as várias formas adquiridas pela matéria: *massa, peso e gravitação*. Ibidem, p. 32.

³⁵ Indicando a interpretação com a qual Schelling pretendia postular sua filosofia em relação à física, biologia e química em termos das dimensões magnética, elétrica e processos bioquímicos. Ibidem, p. 32.

potências, é o *organismo*. Este integra as duas primeiras potências na produção de si mesmo. Nesta etapa, o maior grau de desenvolvimento orgânico manifesta-se no homem. O ser humano consegue elevar-se, pois em seu aspecto subjetivo (dentro do movimento subjetivo/objetivo) dá-se o saber dessas potências, e as próprias potências tornam-se objeto desse saber.³⁶ O *espírito* – *Geist* – emerge como saber de si, saber do *ser*, este aspecto é impossível sem a sua origem através de todo o processo da natureza. Pode-se dizer, neste sentido, que para Schelling, “a destruição da natureza” equivale à “destruição do ser humano”³⁷. Antes de uma avaliação direta deste assunto, na maneira como Tillich o assimilaria, vale apresentar sucintamente sua outra tese apresentada à Universidade de Halle: *Mystik und Schuldbewusstsein in Schellings philosophischer Entwicklung* (1912). J. Heywood Thomas considera neste trabalho um nível maior de originalidade em relação à tese de seu doutoramento.³⁸ Tillich, através desta obra, pretendia destacar o lugar de Schelling não apenas entre os filósofos europeus, mas, seu lugar em toda a tradição filosófica desde Parmênides.³⁹ Um resumo das intenções de Tillich acerca de Schelling nesta obra é assim apresentado por J. Heywood Thomas:

Muito mais enfaticamente do que antes Tillich acentua o desenvolvimento unitário do pensamento de Schelling e a polaridade que ele

³⁶ “Schelling expressou um profundo fascínio por algumas das mais interessantes descobertas científicas de seu tempo, algumas das quais ele incorpora em sua Filosofia da Natureza, para ilustrar sua teoria sobre uma inteligibilidade da mesma, ou, mais exatamente, para traçar um paralelo entre o que ele denomina de processo de constituição da matéria e o processo de objetivação do espírito. Entre essas descobertas importantes estão: a formulada em 1775, por Lavoisier, sobre a constituição do ar por hidrogênio e oxigênio; a descoberta de Galvani, de 1791, sobre a eletricidade animal, a qual tornou possível pensar a transformação da energia química em elétrica; e, principalmente, as doutrinas da “excitação” (*Erregungslehre*) e do “desenvolvimento” (*Entwicklungslehre*), formuladas respectivamente pelo médico escocês John Brown e pelo biólogo alemão Karl Friedrich von Kiehlmeier. A doutrina da excitação definia a doença como uma forma de desequilíbrio e a vida como uma forma de estado de excitação. Essa doutrina, juntamente com a da “eletricidade galvânica”, serve para reforçar e justificar a crítica de Schelling à ciência contra uma visão puramente mecanicista da vida”. GONÇALVES, Márcia C. F.. *Schelling, filósofo da natureza ou cientista da imanência?* Opus cit., p. 73.

³⁷ VIEIRA, Leonardo Alves. Schelling. Opus cit., p. 33.

³⁸ THOMAS, J. Heywood. *J. Fichte and F. W. Schelling*. In: SMART, Ninian, CLAYTON, John P., SHERRY, Patrick, SHERRY, Steven T. *Nineteenth-Century Religious Thought in the West*, p. 77.

³⁹ THOMAS, J. Heywood. *J. Fichte and F. W. Schelling*. Ibidem, p. 77.

agora torna a considerar como mística e o inescapável elemento moral da consciência de culpa. Seu argumento é que a antítese do misticismo e consciência de culpa, da realização da razão teórica em uma identidade e a realização da razão prática em uma razão prática distinta somente pode ser superada por meio de um princípio metafísico último. Isto é realizado por meio de um ato irracional de Deus, superando o pecado com a superabundância da graça. Na reconciliação cristã o misticismo triunfa não como um misticismo, mas como a vitória da comunhão pessoal sobre a contradição.⁴⁰

Nesta tese, o princípio da mística é a *identidade* com Deus, e o princípio da consciência de culpa seria o *antagonismo* a Deus. A primeira estabelece sua necessidade por causa da verdade, e a segunda por causa da moral.⁴¹ Estes dois princípios em oposição realçariam, posteriormente o paradoxo da *graça* na interpretação de Tillich, o qual envolve todos os opostos, inclusive a dúvida e as contradições próprias da finitude humana.

Elementos fundamentais oriundos da influência de Schelling (Apropriação)

O que deve ser destacado agora são algumas indicações da maneira como Tillich apropriou-se de Schelling. Tillich não foi um literalista com respeito ao uso dos conceitos de Schelling, antes reformulou profundamente estes conceitos e estabeleceu novas conexões sistemáticas, jamais vistas antes no próprio Schelling.

A primeira observação deve recair sobre a estrutura mais sistemática e coerente de Tillich em relação a Schelling. Tillich parece reexaminar o uso dos conceitos feitos por Schelling, e os insere numa estrutura mais coerente do que ele. As pesquisas feitas por Jerome Arthur Stone no artigo “Tillich and Schelling’s Later Philosophy” indicam que Schelling **não conseguiu dar a devida coerência as suas formulações em decorrência das respostas a problemas particulares**

⁴⁰ THOMAS, J. Heywood. *J. Fichte and F. W. Schelling*. Ibidem, p. 78.

⁴¹ Uma breve exposição de sua tese feita através de uma resenha nos Kantstudien (1912), registrada por WENZ, Gunter. Einführung in Paul Tillichs philosophische Schriften – MW (Main Works) 1:1. Apud: MUELLER, E. R.. Paul Tillich: Vida e Obra. In: MUELLER, E. R., BEIMS, R. W. *Fronteiras e Interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar*. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p.16.

no decurso de seu desenvolvimento intelectual.⁴² Tillich se apropria de Schelling sob uma postura crítico-transcendental kantiana, confrontando-o posteriormente com Kierkegaard, e, principalmente, “sob a luz de sua própria compreensão crescente do princípio protestante da justificação pela fé, como momento normativo, dialético e paradoxal, crítico e positivo, negativo e afirmativo, místico e ético”.⁴³ Este remodelamento sistemático de Schelling fornece, no entanto, a Tillich a base para sua filosofia da religião, a qual apresenta uma tipologia baseada na distinção entre participação e diferença, ou entre religião mística e religião ética.⁴⁴

Em segundo lugar deve-se atentar para a relação notória entre as ontologias de Tillich e Schelling quanto a certos aspectos. Tillich segue os passos de Schelling e reinterpreta-os no que concerne a uma ontologia voluntarista. De acordo com Eduardo Gross, o qual fez um resumo da explicação de Stone:

Assim, a formulação da dialética entre as potências de Schelling serve de base tanto para a interpretação que Tillich faz de Schelling em *Misticismo e consciência de culpa*, quanto para sua própria elaboração das concepções de *razão, abismo do ser, demônico e trindade*. Além disso, fornece a base para a elaboração de certos temas na obra de Tillich, como por exemplo: a cristologia entendida como sacrifício do que há de mais humano; a necessidade de a história ter um centro para adquirir sentido – sendo Cristo este centro; a visão do mundo como mediação entre a criação de Deus e o processo de participação livre no curso da existência que inclui a realidade do mal.⁴⁵

⁴² STONE, Jerome Arthur. Tillich and Schelling's Later Philosophy (p. 11 – 44). In: CAREY, John J. (Ed.). *Kairós and Logos*. Cambridge, MA: The North American Paul Tillich Society, 1978, p. 21.

⁴³ PASTOR, Félix-Alejandro. *La interpretación de Paul Tillich*. In: *Gregorianum* (66), 1985, p. 727.

⁴⁴ GROSS, Eduardo. Elementos do Pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich. In: *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora*, v. 7, n. 2, (p. 79-99), p. 81. A partir daqui serão utilizados simultaneamente este último artigo de Eduardo Gross e o artigo de Jerome Arthur Stone, não apenas porque Eduardo Gross também o inclui em sua análise como texto chave, mas ainda por causa do colorido que ele acrescenta ao texto de Jerome Arthur Stone ao incluir exemplos mais diretos extraídos das obras de Tillich que demonstram a natureza da influência no nível em que é demonstrada por ambos.

⁴⁵ Eduardo Gross condensa nesta citação baseada em Stone, resumidamente, o cerne de sua explicação sobre o assunto. STONE, Jerome Arthur. Tillich and Schelling's Later Philosophy (p. 23 – 29; 31 – 33). Apud: GROSS, Eduardo. Elementos do Pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich. *Ibidem*, p. 81. 28.

Uma *ontologia voluntarista* recorre à identidade do conhecimento de *si* enquanto objeto – terceira potência – dentro de uma totalidade em constante atualização, ou mesmo, *auto-atualização*. No desenvolvimento de sua estrutura conceitual, Schelling via o mundo como a realização das potências, as quais constituiriam a própria dinâmica divina. Sua ontologia foi claramente modificada por Tillich, embora o conceito de *identidade entre real e ideal* permanecesse em Tillich, como um princípio necessário e harmonioso, especialmente ligado a um caráter mais teológico do que filosófico. Essa modificação teológica da terceira potência concebe Deus como *Espírito*, aquele que provê a manifestação da verdade, do sentido e do significado, incluindo o *espírito* humano em relação tanto à **realidade** quanto a estas realizações. Um exemplo extraído diretamente da Teologia Sistemática dará maior suporte à explicação:

A afirmação de que Deus é Espírito significa que a vida como espírito é o símbolo inclusivo para a vida divina. Ela contém todos os elementos ontológicos. Deus não está mais perto de “uma parte” do ser ou de uma função particular do ser do que de outra. Como Espírito, ele está tão perto da escuridão criativa do inconsciente quanto da luz crítica da razão cognitiva. O Espírito é o poder através do qual vive o sentido, e é o sentido que imprime direção ao poder de Deus. Deus como Espírito é a unidade última tanto do poder quanto do sentido.⁴⁶

Contudo, enquanto que as duas primeiras potências em Schelling provêm a base para o desenvolvimento da terceira e a terceira é a realização daquelas duas, em Tillich, Deus enquanto *Espírito* é a representação da vida divina dentro de um processo, o qual envolve um movimento dialético. Para Daniel J. O’Hanlon, Tillich, à semelhança de Schelling, torna os princípios trinitários “momentos” dentro deste processo da vida divina. Estes princípios dentro de um processo dialético (negativo – não/positivo – sim) seriam: *poder*, *abismo da divindade*, *a profundidade divina* (representando a primeira potência – *não*); e os elementos de *significado*, *plenitude de conteúdo*, *o divino Logos* (representando a segunda potência – *sim*).⁴⁷ Além dessa estrutura ontológica

⁴⁶ TILlich, P. *Teologia Sistemática*. Tradução Getúlio Bertelli e Geraldo Korn-dörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 256 (*A Realidade de Deus*, vol. 1).

⁴⁷ O’HANLON, Daniel J.. *The Influence of Schelling on the Thought of Paul Tillich*. Romae: Pontificia Universitas Gregoriana, 1958. (Excepta ex dissertation ad Lauream in Facultate Theologica Pontificiae Universitatis Gregorianae), p. 13.

reformulada por Tillich, ao considerar numa linguagem teológica o conceito de *Espírito*, O'Hanlon destaca ainda um exemplo singular em sua relação direta com o esquema de Schelling, como se pode notar no segundo volume da Teologia Sistemática, quando Tillich, na secção intitulada "A Vida e o Espírito" refere-se à esta parte de seu sistema teológico nos seguintes termos: "A descrição da unidade concreta da finitude essencial e a separação existencial nas ambigüidades da vida. A resposta a ser dada nesta parte é o Espírito."⁴⁸

Embora o tema das potências já tenha sido adiantado nas últimas observações, este é outro aspecto crucial nas relações entre as ontologias de Tillich e Schelling. Tillich apropria-se da dinâmica das potências para sua análise e interpretação de situações históricas.⁴⁹ Em sua apropriação de Schelling, no entanto, ele utiliza outra nomenclatura como "polaridades" ou "princípios", mas ainda obedecendo ao mesmo esquema geral em busca de uma síntese entre as tensões propriamente originárias destes conceitos.⁵⁰ Um terceiro aspecto ainda deverá ser mencionado. As ontologias de Tillich e Schelling lidam com a dinâmica entre razão e irracionalidade. Para Eduardo Gross, Stone indicaria as seguintes características desta apropriação:

Para Stone, já que Tillich afirmou que o Schelling tardio representava o pensamento mais "teônimo" do idealismo alemão, fica evidente que a proposta de "teonomia" de Tillich fica depende da filosofia positiva de Schelling. Especial atenção Tillich devota à noção de "queda", na dinâmica das potências, o que lhe permite valorizar os aspectos trágicos da existência, e à importância dos símbolos e mitos como manifestação da verdade divina que transcende a capacidade representacional da razão.⁵¹

⁴⁸ O'Hanlon utiliza-se aqui da versão ainda não publicada do segundo volume da Teologia Sistemática – a qual só viria à lume em 1957 – quando da confecção de sua dissertação, em relação a qual preserva-se aqui a tradução mais literal possível do texto em inglês. O'HANLON, Daniel J. *The Influence of Schelling on the Thought of Paul Tillich*. Ibidem, p. 13.

⁴⁹ GROSS, Eduardo. *Elementos do Pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich*. Opus cit., p. 81.

⁵⁰ GROSS, Eduardo. *Elementos do Pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich*. Ibidem, p. 81.

⁵¹ STONE, Jerome Arthur. *Tillich and Schelling's Later Philosophy*. Opus cit., p. 33 – 38. Apud: GROSS, Eduardo. *Elementos do Pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich*. Ibidem, p. 82.

Em terceiro lugar – além das diferenças entre uma estrutura mais sistemática de pensamento por parte de Tillich e das distintas apropriações da ontologia de Schelling numa relação reconhecidamente teológica – deve-se considerar como Tillich reformulou a linguagem dos conceitos de Schelling. Segundo Stone, três distinções devem ser destacadas neste sentido: primeiro, a linguagem de Tillich é menos “fantástica” que a de Schelling; segundo, Tillich restringiu-se mais à linguagem tradicional cristã; terceiro, a linguagem de Tillich atenta mais para o aspecto simbólico e menos para o aspecto especulativo.⁵² Uma atenta observação de Eduardo Gross serve para completar estas últimas observações de Stone sobre o uso da linguagem por parte de Tillich. De acordo com Gross, Tillich ao se utilizar de um campo de linguagem particular e com uma determinada terminologia, como é a linguagem simbólica cristã, favorecia muito mais uma sistematização do pensamento do que a linguagem teosófico-especulativa de Schelling.⁵³

Em quarto e último lugar, deve-se observar como, de igual maneira, uma epistemologia ontológica, isto é, uma epistemologia que dependa necessariamente de uma estrutura do *ser* que responda à separação sujeito-objeto, é vital em ambos os sistemas. Tillich recorre ao sistema de Schelling e vê através de suas tentativas *premissas* fundamentais ligadas à ideia do ser, tais como o conceito de *Logos*, o ser-em-si, a razão ontológica, e o conceito de Deus além de Deus.⁵⁴ Pode-se dizer que todos os conceitos específicos até aqui descritos refletem esta tentativa de ver a unidade da realidade mesmo em seus aspectos mais críticos e mais caracterizados por tensões próprias da realidade dinâmica que se pretende descrever. Tillich deve à influência de Schelling uma constante apropriação de uma epistemologia dependente de uma ontologia. A grande diferença que se deve estabelecer, no entanto, é que no desenvolvimento de seu próprio pensamento ontológico, Tillich

⁵² STONE, Jerome Arthur. Tillich and Schelling's Later Philosophy. Ibidem, p. 38 – 39.

⁵³ GROSS, Eduardo. Elementos do Pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich. Opus cit., p. 83.

⁵⁴ Evidentemente que a estrutura de pensamento de Schelling propiciou outros elementos que poderiam ser plenamente destacados como “abismo do ser”, “demônico”, etc. Confira o tratamento específico a este assunto, inclusive o conceito de “polaridades” desenvolvido por Tillich e suas análises da dinâmica histórica sob a influência de Schelling no artigo de GROSS, Eduardo. Elementos do Pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich. Opus cit., p. 83 – 99.

jamais estabelecera uma análise especulativamente teosófica tal como Schelling fora capaz de produzir, nem no sentido de um desdobramento de elementos próprios que devem refazer-se dentro de um esquema onde não há uma negação, mas uma dialética, nem na perspectiva onde a ciência fosse perdendo, paulatinamente a proeminência temática para a revelação e a religião. Para Tillich, desde o início, sua ontologia está imprescindivelmente ligada à teologia, embora, sem qualquer permuta ou relação apenas temática com outras áreas. No entanto, “o princípio de identidade e sua relação com as categorias morais”, a unidade entre pensamento e ser, – especialmente no último Schelling – é interpretado por Tillich como “o nervo do desenvolvimento de Schelling”⁵⁵. Em sua interpretação, Tillich entende que esta relação é essencialmente religiosa. Talvez a raiz de todas as críticas à relação que Tillich estabelece entre o conceito de “Deus” e o conceito de “*ser*” da ontologia, tenham a sua origem mais elementar nesta interpretação. Victor Nuovo afirmou que a razão para se duvidar de Tillich nesta interpretação de Schelling é que no pensamento de Schelling “identidade absoluta”, não é um princípio religioso, mas algo metafísico, além de ser um conceito extremamente geral, que pode significar qualquer coisa.⁵⁶ No entanto, contudo, tanto em Schelling quanto em Tillich não é possível estabelecer uma linha epistemológica independente da realidade que se define de antemão. Ambas as construções ontológicas pressupõem uma epistemologia implícita à realidade que antecede todas as configurações. Este esquema sempre foi um constante problema para Schelling. De acordo com seu idealismo crítico – fase final de seu pensamento – Schelling deduziu que todo o saber seria permanentemente levado de um lado para o outro, um saber condicionado para outro também condicionado, ou então, deverá existir um “último ponto da realidade do qual tudo depende”.⁵⁷ Suas várias fases, em si mesmas, representam uma tentativa de clarificar a possibilidade desta premissa. Schelling estava em busca de respostas para a questão: “como o saber pode abranger toda a rea-

⁵⁵ TILICH, Paul. *Mysticism and Guilt-Consciousness in Schelling's Philosophical Development* (Trans. by Victor Nuovo). Lewisburg, Bucknell University Press, 1974, p. 12.

⁵⁶ TILICH, Paul. *Mysticism and Guilt-Consciousness in Schelling's Philosophical Development*. Ibidem, p. 12,13.

⁵⁷ EIDAM, Heinz. A questão pelo ser ou o saber e sua realidade. In: PUENTE, Fernando Rey; VIEIRA, Leonardo Alves (Orgs.). *As Filosofias de Schelling*. Opus cit., p. 192.

lidade e como toda a realidade pode ser compreendida no saber”.⁵⁸ Tal busca conduziu Schelling da fase da filosofia negativa – onde apenas as condições lógicas eram consideradas – para a filosofia positiva – onde a realidade deste *fundamento último* poderia ser problematizada em termos de sua necessidade fundamental. De acordo com as considerações de Heinz Eidam:

Exatamente isso será o questionamento da filosofia positiva de Schelling. Não é a finalidade da filosofia positiva partir de um ser que apenas é necessário no pensar ou para o pensar, pois, nesse caso, ela permaneceria ainda dentro dos limites daquela filosofia puramente racional que Schelling passa a chamar de filosofia negativa. Se a filosofia positiva quer partir de algo que não é apenas o primeiro no pensar, então ela tem que partir de um ser que pura e simplesmente está anterior a todo pensamento, que precede todo pensamento. O que na filosofia negativa era apenas o protótipo, apenas imagem original, mas também como imagem original apenas a imagem de todo ser, na filosofia positiva é para ser compreendido como fundamento e origem real de todo ser. Ou trata-se de mostrar que e em que medida esse fundamento último realmente está como *fundamento*.⁵⁹

É neste sentido, que o Schelling tardio lembra mais o Kant da fase pré-crítica, reencontrando-o de novo e posteriormente no conceito de ideal transcendental, para o qual “a existência não é um predicado real, mas a posição absoluta da própria coisa”.⁶⁰

Conclusão

Estas colocações pretendem sugerir que as epistemologias de Schelling e Tillich dependem de uma constituição ontológica que parta de um conceito absoluto presente em todas as coisas. Essa epistemologia implícita e dependente de uma ontologia, enraizada em princípios a priori ecoa nas palavras de Schelling quando afirmou: “Pois não é por haver um pensar que há um ser, mas por haver um ser, há um

⁵⁸ EIDAM, Heinz. A questão pelo ser ou o saber e sua realidade. Ibidem, p. 196.

⁵⁹ EIDAM, Heinz. A questão pelo ser ou o saber e sua realidade. Ibidem, p. 204.

⁶⁰ KANT, I. *Der einzig mögliche Beweisgrund zu einer Demonstration des Daseyns Gottes* (1763), p. 629 – 636. Apud: EIDAM, Heinz. A questão pelo ser ou o saber e sua realidade. Ibidem, p. 205, 206.

pensar”.⁶¹ Não é por haver um saber que há um ser, mas, por haver um ser que também há um saber. A ontologia seria aqui a verdadeira base para a possibilidade do conhecer. Tillich dirá quase exatamente isto em seu enunciado sobre Deus, quando não aceita a limitação lógica de seu conceito como um ente entre os demais entes da realidade, mas afirma sua realidade ontológica precedente a todo ente. A declaração expositiva sobre este exemplo, feita por Scharlemann clarifica muito bem o assunto:

Tillich negou que a declaração teológica básica, “Deus é o ser em si”, é conversível a “O ser em si é Deus”. A negação parece arbitrária quando vista somente na estrutura do significado dado ao ser em si por Heidegger em “O que é a Metafísica?” (1929) e mais geralmente pela filosofia existencialista. Isto não parece tão arbitrário, no entanto, se o uso de Tillich do “ser em si” foi moldado não somente pelo *das Sein selbst* de Heidegger mas também pelo *das Seiende selbst* de Schelling. A reivindicação de Schelling de que o ser em si é o predicado de Deus mas não é Deus, desde que Deus é aquele que é o ser em si, acarretaria a consequência iniciada na negação de Tillich de que o ser em si é Deus. A identidade de Deus e o ser em si é aquela do sujeito e o predicado a qual preserva sua diferença na identidade; considerar a afirmação “Deus é o ser em si” conversível reduziria, desta forma, a identidade para uma unidade indiferenciada.⁶²

Para Tillich tudo aquilo que é, o conceito do *ser*, manifestamente estabelece uma premissa (pressuposto?) de fundamental alcance sobre a relação primária da estrutura cognitiva básica, a relação sujeito-objeto. De acordo com Tillich “a verdade de todos os conceitos ontológicos é seu poder de expressar aquilo que torna possível a estrutura sujeito-objeto”⁶³. Tal estrutura não pode adquirir independência da realidade do *ser*; antes seria o meio de manifestação dos conceitos ontológicos; o *ser* antecederia esta estrutura, a constituiria e manifestar-se-ia através da mesma.⁶⁴ Tillich se apropriou da imensa revisão filosófica de

⁶¹ SCHELLING, F.W.J. *Philosophie der Offenbarung*, II/3 (1842/42). In: *Sämtliche Werke*. K. F. A. Schelling (Org.). Stuttgart/Augsburg: Cotta, 1856 – 1861, p. 161, Nota. Apud: EIDAM, Heinz. A questão pelo ser ou o saber e sua realidade. *Ibidem*, p. 206.

⁶² Tillich on Schelling and the Principle of Identity. Author(s): Robert P. Scharlemann. Source: *The Journal of Religion*, Vol. 56, No. 1 (Jan., 1976), opus cit., p. 112.

⁶³ TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. Opus cit., p. 179.

⁶⁴ TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. *Ibidem*, p. 179.

Schelling, mesmo em sua forma especulativa e teosófica, porque via na relação estabelecida por ele entre idealismo e realismo, um nível de pensamento que tornaria possível à teologia uma relação com as diversas formas fragmentárias do conhecimento. Esta fragmentação é resultante do rompimento do período moderno com a forma teônoma de conhecimento da Idade Média, marcando assim a separação entre religião e cultura – separação entre fé e conhecimento, teologia e filosofia – e produzindo uma cultura nominalista e heterônoma.⁶⁵ Tal qual Schelling afirmara “não é por haver um pensar que há um ser, mas por haver um ser, há um pensar”⁶⁶, Tillich afirmaria que toda e qualquer possibilidade do conhecimento somente poderia dar-se em termos ontológicos. “O pensamento” – afirmou Tillich inicialmente a respeito da *Questão do Ser* na Teologia Sistemática – “está fundamentado no ser e não pode abandonar esta base”.⁶⁷

Um princípio de *identidade* e de *distinção na identidade* entre sujeito e objeto no absoluto, a dinâmica das potências, a unidade entre *ser e conhecer*, a relação entre *essência e existência*, a estrutura do *ser* que possibilita os conceitos e as estruturas que tratam da situação real (tempo/espaço) destes conceitos são revistos por Tillich através de uma ontologia que torne a epistemologia sempre dependente, e cujos procedimentos tornem imprescindíveis os critérios do *ser* como antecedentes e dinamicamente se manifestem através do *conhecer*.

Referências

GROSS, Eduardo. Elementos do Pensamento de Schelling na obra de Paul Tillich. In: **Numen**: revista de estudos e pesquisa da religião, Juiz de Fora, v. 7, n. 2, (p. 79-99).

O'HANLON, Daniel J. **The Influence of Schelling on the Thought of Paul Tillich**. Romae: Pontificia Universitas Gregoriana, 1958. (Excepta ex dissertation ad Lauream in Facultate Theologica Pontificiae Universitatis Gregorianae).

PASTOR, Félix-Alejandro. *La interpretación de Paul Tillich*. In: **Gregorianum** (66), 1985.

⁶⁵ BRAATEN, Carl E. Paul Tillich e a Tradição Cristã Clássica. In: TILLICH, Paul. Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX. Opus cit., p. 26.

⁶⁶ SCHELLING, F.W.J. *Philosophie der Offenbarung*, II/3 (1842/42). In: *Sämtliche Werke*. K. F. A. Schelling (Org.). Stuttgart/Augsburg: Cotta, 1856 – 1861, p. 161, Nota. Apud: EIDAM, Heinz. A questão pelo ser ou o saber e sua realidade. Opus cit., p. 206.

⁶⁷ TILLICH, P. *Teologia Sistemática*. Opus cit., p. 173.

MUELLER, E. R. Paul Tillich: Vida e Obra. In: MUELLER, E. R., BEIMS, R. W. **Fronteiras e Interfaces: o pensamento de Paul Tillich em perspectiva interdisciplinar**. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

PANNENBERG, Wolfhart. **Filosofia e Teologia: tensões e convergências de uma busca comum**. Tradução Nélío Schneider. São Paulo: Paulinas, 2008.

PAUCK, Wilhelm, PAUCK, Marion. **Paul Tillich: his life & Thought**. New York, Habershtown, San Francisco, London. Vol. 1.

Review: Tillich on Schelling and the Principle of Identity. Author(s): Robert P. Scharlemann. Source: The Journal of Religion, Vol. 56, No. 1 (Jan., 1976), pp. 105-112 (p105, 106). Published by: The University of Chicago Press Stable URL: <http://www.jstor.org/stable/1201510>. Accessed: 04/10/2010 08:46.

REALE, G., ANTISERI, D. **História da Filosofia: do romantismo ao empiriocentrismo**. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2005. Coleção História da Filosofia, vol. 5.

SCHELLING, Friedrich Von, FICHTE, Johann Gottlieb. **Escritos Filosóficos**. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Coleção Os Pensadores, vol. XXVI.

STONE, Jerome Arthur. Tillich and Schelling's Later Philosophy (p. 11 – 44). In: CAREY, John J. (Ed.). **Kairós and Logos**. Cambridge, MA: The North American Paul Tillich Society, 1978.

THOMAS, J. Heywood. J. Fichte and F. W. Schelling. In: SMART, Ninian, CLAYTON, John P., SHERRY, Patrick, SHERRY, Steven T. **Nineteenth-Century Religious Thought in the West**. New York: University of Cambridge, 1988. Vol. 1.

THOMAS, John Heywood. **Tillich**. British Library Cataloguing-in-Publication Data, 2000.

TOMATIS, Francesco. **O argumento ontológico: a existência de Deus de Anselmo a Schelling**. Trad. Sergio José Schirato. São Paulo: Paulus, 2003.

TILLICH, P. **Teologia Sistemática**. Tradução Getúlio Bertelli e Geraldo Korn-dörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2005, p. 256 (*A Realidade de Deus*, vol. 1).

TILLICH, Paul. Main Works - Hauptwerke. **Philosophical Writings – Philosophische Schriften**. (Edited by Herausgegeben von Gunter Wenz) Volume 01. Berlin – New York: De Gruyter, 1989.

TILLICH, Paul. **Perspectivas da Teologia Protestante nos séculos XIX e XX**. Tradução Jaci Maraschin. 3ª Ed. São Paulo: ASTE, 2004.

TILLICH, Paul. **The Construction of the History of Religion in Schelling's Positive Philosophy**. Lewisburg: Bucknell University, 1974.

TILLICH, Paul. **Mysticism and Guilt-Consciousness in Schelling's Philosophical Development** (Trans. by Victor Nouvo). Lewisburg: Bucknell University Press, 1974.

_____. Existential Philosophy. In: TILLICH, P. Main Works - Hauptwerke. **Philosophical Writings – Philosophische Schriften**. (Edited by Herausgegeben von Gunter Wenz) Volume 01. Berlin – New York: De Gruyter, 1989.

_____. Participation and Knowledge. Problems of an Ontology of Cognition. In: TILLICH, P. Main Works - Hauptwerke. **Philosophical Writings – Philosophische Schriften**. (Edited by Herausgegeben von Gunter Wenz) Volume 01. Berlin – New York: De Gruyter, 1989.

_____. Philosophical Background of my Theology. In: TILLICH, P. Main Works - Hauptwerke. **Philosophical Writings – Philosophische Schriften**. (Edited by Herausgegeben von Gunter Wenz) Volume 01. Berlin – New York: De Gruyter, 1989.

_____. The Nature and the Significance of Existentialist Thought. In: TILLICH, P. Main Works - Hauptwerke. **Philosophical Writings – Philosophische Schriften**. (Edited by Herausgegeben von Gunter Wenz) Volume 01. Berlin – New York: De Gruyter, 1989.

VIEIRA, Leonardo Alves. **Schelling**. São Paulo: Jorge Zahar Editora, 2007.